

ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS DE LEITURA CRIATIVA



SÃO MATEUS

2022



Introdução

A criatividade está em toda parte hoje, impulsionada pela necessidade de as empresas e organizações serem mais competitivas e pelo movimento nas escolas em direção ao ensino centrado no aluno. Os ministérios da educação em diferentes partes do mundo têm incentivado as escolas a se concentrarem mais na criatividade do currículo em todas as áreas - algo que se acredita ter consequências generalizadas no futuro acadêmico.

Na escola, a inventividade é considerada uma forma poderosa de envolver estudantes em sua aprendizagem, potencializando o desempenho acadêmico, pois, segundo Saebø, Mccammon e O'Farrell (2007), quando as/os educandas/os são incentivadas/os a reconhecer e valorizar suas habilidades criativas, seu desempenho acadêmico melhora.



Ensino Criativo

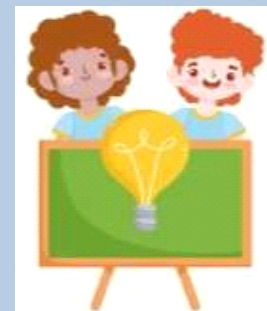


O ensino criativo aumenta os níveis de motivação e autoestima e prepara as/os estudantes com habilidades flexíveis de que precisam para o futuro. Acredita-se que desenvolver a capacidade de ser criativo tem o potencial de enriquecer vidas e ajudar a contribuir para uma sociedade melhor. No entanto, nem todos as/os discentes têm a oportunidade de experimentá-lo (SAEBØ; MCCAMMON; O'FARRELL, 2007).

Expressão da criatividade

Para Eunice Alencar (2016), condições que favorecem desenvolvimento e expressão da criatividade no contexto escolar são variáveis como

- +personalidade,
- +motivação intrínseca,
- +contexto sociocultural e
- +ambiente que facilite a existência de condições que estimulem inovação, exploração de ideias e criação de novos produtos.



Levando-se em consideração essas afirmações, sabendo que o desenvolvimento da criatividade leva à realização pessoal e/ou profissional e que o/a professor/a tem papel importante na formação da/o educanda/o, Patrícia Aparecida Nunes e Silva (2000) destaca que as/os docentes referem-se à criatividade como novidade ou mudança de algo preexistente e que, para sua ocorrência em sala de aula, é necessário que haja motivação discente.

A leitura favorece o desenvolvimento da criatividade do/a estudante, sendo assim, o ato de ler não pode ser mecânico. A pessoa lê seu mundo concreto. “A sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real. Se assim fosse, estaríamos caindo no mesmo autoritarismo tão constantemente criticado [...]” (FREIRE, 2011, p. 41).

Quando colocamos como foco o desenvolvimento da habilidade de compreensão de leitura, por exemplo, vemos que se trata de um aspecto das experiências práticas que podem ser desenvolvidas pela intervenção docente.

Uma forma de a educadora e o educador ajudarem as/os estudantes a melhorar a habilidade de ler é a instrução estratégica, uma vez que as dificuldades de compreensão precisam ser acompanhadas com ferramentas de avaliação (DITIBERIO; JENSEN, 2019).



Nos últimos anos, Lilian Bacich e José Moran (2018) têm percebido que as abordagens para o ensino de compreensão de leitura têm se concentrado na importância de adquirir habilidades (por exemplo, resumir, questionar, esclarecer) para ajudar as/os educandas/os a se tornar leitores/as estratégicos/as. Através do desenvolvimento da compreensão e do desenvolvimento da competência do/a leitor/a com estratégias criativas, é possível melhorar seu desempenho.

Pessoas com baixa compreensão de leitura podem ter obstáculo de seguir instruções detalhadas ou em entender o significado de um item no texto, algo que reflete negativamente no seu desempenho. Portanto, as/os docentes deveriam ter pelo menos dez minutos cumulativos por semana para práticas inovadoras e criativas que tragam melhorias educacionais para a sala de aula, de forma a atender as necessidades em constante evolução de suas/seus educandas/os (BROWN, 2007).

Cabe à professora e ao professor orientar sistematicamente suas/seus educandas/os na concretização de uma base sólida de letramento literário. Dentro do processo de leitura, segundo Julia Soares Rosa de Castro e Denise de Souza

Fleith (2008), os/as leitores/as estratégicos/as utilizam seus pensamentos em uma conversa interior para ajudá-los/as a criar sentido para o que leem, procurando respostas para suas perguntas e tentando entender melhor o texto por meio de suas conexões com os personagens, situações e problemas.

Os/as leitores/as acabam tomando a palavra escrita e construindo significados baseados em seus próprios pensamentos, conhecimentos e experiências, vencendo seus obstáculos de interpretação e transformando-se, efetivamente, em leitores/as críticos/as.

Jean Foucambert (2008) lembra que, por décadas, as dificuldades de aprendizagem no processo de leitura têm sido o foco de estudos de pedagogas/os, psicopedagogas/os e estudiosas/os de literatura, visando a produzir metodologias que deem conta dessa demanda. Contudo, muito embora se tenha o consenso de que o cotidiano escolar seja um espaço propício ao letramento e à formação de leitores/as autônomos/as, os/as quais sejam capazes de compreender o que leem, as ações e a presença da criatividade ainda são um tanto quanto incipientes.



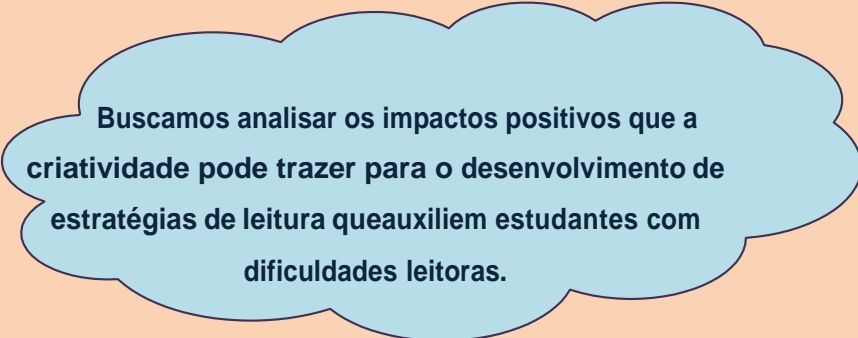
Ana Maria Menin et al. (2010) definem esse cenário como um retrato da necessidade urgente de se buscar meios criativos que tornem esses/essas leitores/as e escritores/as mais efetivos/as e capazes de maior fruição da leitura desde os anos iniciais do ensino fundamental, e detentores/as de autonomia leitora, algo imprescindível numa sociedade letrada.

A leitura e a escrita são essenciais para a emancipação do indivíduo que é desafiado diariamente no universo escolar ou mesmo no mercado de trabalho, para a conquista dessa habilidade, sobretudo no sentido de ter desenvolvida sua capacidade interpretativa e crítica (MENIN et al., 2010).

De acordo com Dagoberto Arena (2010), o ato de ler, como uma experiência cultural, desde a aprendizagem até os limites do/a leitor/a sênior, configura o pensamento humano e se reconfigura ao longo da história como ato herdado, legado, por mulheres e homens às gerações que se sucedem. Desse modo, enfatiza o autor, o/a pequeno/a leitor/a não aprende a ler como aprendera a geração que a ele/ela lega a prática de ler, mas a aprende como cultura rearranjada e transmitida pela mesma geração que alterou e foi alterada pela leitura.

A pesquisadora Edileusa Borges Porto Oliveira e a psicóloga Eunice Maria Lima Soriano de Alencar (2012) destacam que, com o desenvolvimento da alfabetização altamente enfatizado nas escolas públicas, as/os leitoras/es com baixo desempenho acabam ficando em desarmonia com as/os demais e ingressam em um processo de autoexclusão.

Nas salas de aula da primeira série não é incomum que pelo menos seis estudantes, em uma média de 20 a 25, sejam considerados como tendo “dificuldade de leitura”. Diante desse contexto, o despertar da/o discente, mediante estratégias criativas de leitura, é essencial para auxiliar no alcance da autonomia leitora (OLIVEIRA; ALENCAR, 2012).



Buscamos analisar os impactos positivos que a criatividade pode trazer para o desenvolvimento de estratégias de leitura que auxiliem estudantes com dificuldades leitoras.



É fato que a criatividade deve estar presente não apenas em sala de aula, mas em todo o ambiente escolar, até mesmo porque a/o educanda/o não é preparada/o apenas para viver na escola, mas para todo um convívio social ativo fora da educação formal. Nesse sentido, destaca-se aqui o uso de metodologias criativas de leitura para crianças vencerem suas dificuldades.

Criatividade e espaço escolar

Segundo Eunice Maria Lima Soriano de Alencar (1996), considerando a escola como espaço em que crianças e adolescentes frequentam diariamente durante anos e a influência que as/os docentes exercem no período educativo, não é possível deixar de ressaltar o papel fundamental que a docência exerce no desenvolvimento das e dos jovens.

Castro e Fleith (2008) destacam que o estímulo à aprendizagem só surte efeito se a escola e as/os professoras/es estiverem conscientes e preparadas/os para promover oportunidades que possibilitem o desenvolvimento de habilidades criativas, por meio de práticas inovadoras, deixando à margem da aprendizagem o processo de memorização.



Daí a importância de se experimentar novas ideias e sair um pouco do método tradicional para alcançar os objetivos desejados, organizando e desenvolvendo a prática de forma que contribua para estimular a criatividade.

A necessidade do/a educador/a no desenvolvimento da criatividade estudantil em sala de aula é inquestionável, cabendo a ela/ele organizar e desenvolver sua prática de forma que contribua para estimular a inventividade da/o educanda/o. A relação professor/a-estudante é um estímulo ao desenvolvimento no ambiente

escolar pela forte influência que a/o docente tem na formação de suas/seus discentes e na transformação do ambiente de aprendizagem (ALENCAR, 2016).

Há que ser ressaltado o fato de que as/os educandas/os, antes de tudo, possuem níveis diversificados de desenvolvimento motivacional, intelectual e diferentes interesses. Cabe ao/à educador/a, como mediador/a do processo de aprendizagem, trabalhar essas diferenças e contribuir para que cada discente desenvolva ao máximo seu potencial criativo de leitura.



Integrando criatividade e leitura

Inovação e criatividade são fundamentais para todas as disciplinas e atividades educacionais. A criatividade é um componente crítico para dar sentido às experiências de aprendizagem. Várias abordagens de ensino e aprendizagem devem ajudar a/o estudante, estimulando a criatividade e a inovação. Robert Sternberg (2015) destaca a inventividade como característica que pode ser amplamente considerada como novas ideias, novas formas de se verem as coisas, novos métodos ou produtos que têm valor. A inovação contém a ideia de saída, de realmente produzir, fazer acontecer ou implementar algo novo, e quase sempre envolve trabalho árduo. Persistência e perseverança; duas qualidades necessárias, porque muitas boas ideias nunca são seguidas e desenvolvidas.

A criatividade é ativa, necessariamente envolvida na inovação, um hábito de aprendizagem que requer habilidade e compreensão específica dos contextos nos quais a inventividade está sendo aplicada. Segundo Panagiotis Kampylis e Eleni Berki (2014), o processo criativo está no âmago da inovação.

Ainda de acordo com Kampylis e Berki (2014, p. 6), “o pensamento criativo é definido como o pensamento que permite às/aos estudantes aplicar sua imaginação para gerar ideias, perguntas e hipóteses, experimentar alternativas e avaliar suas próprias ideias, produtos finais e processos”.

Para Anusca Ferrari, Romina Cachia e Yves Punie (2009a) a união da criatividade, inovação e aprendizagem em sala de aula persiste como desafio para muitos/as professores/as. Aprender envolve desafiar, refinar e melhorar a compreensão das educandas e dos educandos, que são levadas/os a pensar muito. Às vezes, para compreender novos conceitos e ampliar perspectivas, nossas abordagens de pensamento precisam ser criativas, imaginativas e laterais (incorporando novas maneiras de ver as coisas).

Na visão de Ana Oliveira (2003), uma característica da práxis criativa, que torna particularmente poderoso o ensino em sala de aula, é que ele requer não apenas conhecimento e compreensão do domínio que está sendo investigado, mas também vontade de questionar e não ser restringido pelo conhecimento existente. As/os discentes devem compreender como podem questionar ou desafiar o conhecimento estabelecido para ajudá-las/os a formular seu próprio entendimento – e neste momento a imaginação precisa desempenhar papel importante.



Uma/um educanda/o. a/o que é estimulada/o em sua criatividade é capaz de desenvolver e aplicar um conjunto de habilidades que possui e usá-las no processo de criação, o que inclui ser capaz de esclarecer, analisar e redefinir um problema que lhe seja apresentado ou um texto em que possa descobrir novas maneiras de lê-lo e questioná-lo, percebendo conexões entre assuntos aparentemente não relacionados e desafiando a sabedoria estabelecida ao indagar como poderia melhorar, reconhecendo as possibilidades alternativas e olhando para as coisas com diferentes perspectivas (MENIN et al., 2010).

Assim, reforçam Menin et al. (2010), a criação de uma cultura de criatividade nas escolas e salas de aula torna-se essencial para a prática de leitura como estratégia de superação das dificuldades leitoras das crianças, pois todos nascemos com um instinto criativo e todas as pessoas têm potencial criativo. As crianças pequenas naturalmente se envolvem em brincadeiras: um estado no qual a

imaginação é usada para "experimental" situações e possibilidades.

Uma caixa de papelão, por exemplo, torna-se um carro, a grama transforma-se em comida, um brinquedo ganha vida. No entanto, à medida que as crianças amadurecem e avançam na vida escolar, a capacidade de criar pode ser sufocada como consequência não intencional de outras pressões, deixando-as com medo de cometer erros se apenas receber reconhecimento por dar a resposta que o/a professor/a está procurando, em vez de pensamentos e ideias originais válidos (MENIN et al., 2010).

A importância da leitura criativa na

prática pedagógica

Pesquisadores/as das áreas de psicologia, educação, linguística e inteligência artificial estudam a leitura como processo e não como habilidade. A inventividade foi quase sempre ignorada, apesar de a leitura andar de mãos dadas com a criatividade, que deve ser considerada como a questão central e crucial na aquisição de habilidade de compreensão de leitura (MUNIZ; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2013).

Cri.a.ti.vi.da.de*

Na visão de Paulo Freire (1967), a educação que liberta é aquela que cria. Não se deve pensar criatividade sem esforço crítico e radical. Para refletir sobre o aspecto criativo em educação libertadora, não se pode fixar em uma leitura superficial, circunscrita ao conceito (ROSAS, 2016).

De acordo com Robert Sternberg (2015), é preciso enfatizar que na leitura a linguagem é armazenada como conhecimento dos sons da fala, dos padrões e das regras, para formular palavras e conectá-las. Depois de desenvolver essas habilidades e conhecimentos automatizados, o uso da linguagem torna-se quase totalmente subconsciente e criativo.

Pode-se dizer que a criatividade está presente em todas/os e pode ser aprendida, praticada e desenvolvida pelo uso de certas técnicas e estratégias de leitura. Soma-se a isso o fato de a inventividade também ser vista como atitude mental e uma capacidade de encontrar soluções novas e inovadoras para tudo aquilo que soar diferente para a/o estudante (STERNBERG, 2015).

Para Solange Wechsler (1998), se o ensino for inovador, é preciso que a motivação e a capacidade de se comunicar, ouvir, de interessar e de inspirar a aprendizagem estejam presentes para que a criatividade seja desenvolvida nas escolas.

Professores/as criativos/as constroem bom relacionamento, apoiam a curiosidade, desenvolvem estratégias de leitura que envolvam a/o educanda/o, porque conhecem suas características criativas e assim podem aumentar a autoestima e consequentemente a confiança.

Nesse sentido, afirmam Omdal e Graefe (2017), a criatividade pode ser aprimorada em um ambiente em que a capacidade docente de desenvolver estratégias de leitura criativa seja utilizada para encorajar o apreço pelo ler, pelo desenvolver o pensamento, ao mesmo tempo em que os/as educadores/as incentivem as/os educandas/os a expressar seus próprios julgamentos por meio da leitura criativa e do pensamento crítico.

Grande parte dos/as professores/as não está devidamente preparada para desenvolver, apoiar e avaliar a criatividade e a capacidade de leitura de suas/seus discentes. Assim, as/os estudantes mais criativas/os muitas vezes perdem parte de seu potencial.

Se a educação, em seu papel de preparar as/os educandas/os para uma vida produtiva em sociedade, aceita a responsabilidade de apoiar e desenvolver o

***Cri.a.ti.vi.da.de**

O termo criatividade pode ser descrito como um processo de vida a longo prazo, que é dinâmico e nos permite encontrar novas formas de viver juntas e juntos nos mundos e com os mundos. A inventividade vem de sentir os limites, trabalhando com o roteiro e com as/os discentes, de tal forma que o roteiro e os limites possam ser ultrapassados e novas maneiras de ler possam ser improvisadas, concretizadas (BURKE, 2007).

pensamento criativo, é necessário que a criatividade, através de vários fatores, como estratégias de leitura, sequências didáticas específicas para dificuldades leitoras e de escrita, trabalho com habilidades individuais e qualificação docente para uso das tecnologias, bem como de ferramentas disponíveis, seja imediatamente vista como prioridade dentro da prática pedagógica diária (OMDAL; GRAEFE, 2017).

No quesito compreensão leitora, Paul Collard e Janet Looney (2014) a veem como habilidade adquirida que está focada na capacidade de receber informações, analisá-las em seus respectivos segmentos e chegar a um entendimento dos dados de entrada, de maneira coesa e precisa. Isso é identificado como processo interativo e estratégico que pode ser totalmente desenvolvido quando resulta em fluência de leitura.

Ler é uma forma de interpretar e inferir significados que extrapolam o que está escrito. A trajetória do/a leitor/a se incorpora ao conteúdo do livro ou de qualquer outro texto.



O aprendizado de leitura crítica converge no sentido de formar pessoas conscientes das realidades em que vivem. Estudo desenvolvido por Gagliardi (2015) enfatiza que a leitura mantém sua importância como meio mais básico de acesso à informação, uma necessidade da época que atravessamos, encontrar a informação

que procuramos dentro do complexo de conteúdos que se acumulam constantemente.

Desde de criança, destacam Carvalho e Baroukh (2018), é preciso que as/os educandas/os estejam preparados com habilidades de leitura de alto nível para aproveitar ao máximo a vida sociocultural e enfrentar os desafios do mercado de trabalho no século XXI.

No plano imaginário, as conclusões de Adams (1968), oportunizam a Kirmizi e Kasap (2017, p. 407) indicar que

a leitura criativa baseia-se em fazer com que as crianças se envolvam em um pensamento multifacetado por meio de perguntas como "o que você acha que vai acontecer?", "o que você acha que os personagens da história sentem", "você já se sentiu assim antes?" e "você já encontrou tal situação antes?" no processo de leitura. Os leitores combinam o que o autor quer transmitir com suas próprias experiências, com base no que é dito nas entrelinhas e, dessa forma, pode ser possível formar novos significados e ideias originais.

Para Temizkan (2011), através da escrita, é possível descer ao mundo interior da criança, subconsciente, através de atividades de escrita criativa, pois acaba sendo mais fácil para eles assim expor suas emoções e pensamentos.

É necessário para reações apreciativas. A leitura para reações apreciativas baseia-se fortemente na capacidade de empregar imagens, identificar-se com os personagens da história e se relacionar emocionalmente (GONSALVES; CHAN, 2013).

A leitura criativa como recurso para as dificuldades leitoras

A imaginação é frequentemente mal compreendida e, como resultado, negligenciada na educação, deixando muitas vezes de ser explorada na aprendizagem e nas práticas pedagógicas. Para Santeiro, Santeiro e Andrade. (2004), com demasiada frequência, a imaginação é associada a crianças brincando, ou ao frívolo, ou ao anti-intelectual, em vez de ser parte integrante da aprendizagem e realização em todos os assuntos, domínios, e a mãe de todas as invenções e inovações.

É necessário desenvolver uma aprendizagem de leitura inovadora para o desenvolvimento de salas de aula criativas, consideradas como ambientes de aprendizagem inovadores, que incorporam totalmente o potencial de todos os recursos disponíveis e possíveis de ser usados no processo de ensino.

O próprio termo 'criativo' refere-se a práticas inovadoras, como colaboração, personalização, aprendizagem ativa e empreendedorismo, promovendo inventividade, enquanto a expressão 'sala de aula' é usada em seu sentido mais amplo, incluindo todos os tipos de ambientes de aprendizado, bem como espaços formais e informais.

Sugestões de atividades:

Criar espaços atrativos e confeccionados pelos próprios alunos:



- + biblioteca de gibis;
- + biblioteca com livros de autoria das/os discentes;
- + biblioteca com livros pessoais de cada educando/a.

Explorar espaços externos que possam criar a expectativa da leitura:

- + piquenique da leitura;
- + um dia na praia ou no campo com um livro interativo;
- + cabana da leitura.






Em relação ao avanço e utilização das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) como forma de inovar o ensino e a aprendizagem leitora, elas vêm desempenhando papel cada vez mais central na vida das e dos discentes com potencial de permitir mudanças educacionais em direção a ambientes de aprendizagem inovadores (FERRARI; CACHIA; PUNIE, 2009b).

No entanto Ana Amaral (2011) explica, a tecnologia é apenas um meio para a mudança pedagógica. A capacidade de inovação de diferentes práticas de ensino só emerge quando os/as educadores/as usam as TICs em seus esforços para organizar novas formas de atividades de aprendizagem abertas, colaborativas e

estendidas, em vez de simplesmente aprimorar as pedagogias tradicionais, como aulas expositivas e aprendizagem baseada em tarefas.

Essas práticas inovadoras exigem um enorme empenho individual e coletivo de todas/os as/os profissionais envolvidas/os, bem como apoio e reconhecimento adequados, desenvolvimento profissional das/os docentes no uso pedagógico das TICs, além de mudança de estratégias de avaliação e currículos. Fatores humanos (visão e competência), assim como materiais de aprendizagem e as infraestruturas, são condições de sucesso decisivas. As pedagogias inovadoras estão no cerne do conceito de aprendizado da leitura (AMARAL, 2011).

TICs e leitura interativa:

-  utilização de aplicativos interativos;
-  criação de livros digitais
de autoria das/os discentes;
-  biblioteca digital
desenvolvida pelas/os
estudantes.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, J. Creative reading, international reading association. Boston: University of Denver, 1968.
- ALENCAR, E. M. L. S. de. O papel da escola no desenvolvimento da criatividade. **Pátio Ensino Fundamental**, v. 20, n. 79, p.6-9, 2016.
- _____. **A gerência da criatividade**: abrindo as janelas para a criatividade pessoal e nas organizações. São Paulo: Makron Books, 1996.
- AMARAL, A. L. S. N. do. **A constituição da aprendizagem criativa no processo de desenvolvimento da subjetividade**. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9584/1/2011_AnaLuizaSnoeckNeivadoAmaral.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: MENIN, A. M. da C. S. et al. (Org.) **Ler e compreender**: estratégias de leitura. São Paulo: Fapesp; Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.13-44.
- BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. e-PUB. Disponível em: <<https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 5th ed. White Plains, N.Y.: Pearson Longman, 2007.
- BURKE, C. Inspiring spaces: creating creative classrooms. **Curriculum Briefing**, v. 5, n. 2, p.35-39, 2007. Disponível em: <https://141324196718229117.weebly.com/uploads/2/0/0/1/20017643/inspiring_spaces_creative_classrooms.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- CARVALHO, A. C.; BAROUKH, J. A. **Ler antes de saber ler**: oito mitos escolares sobre a leitura literária. São Paulo: Panda Books, 2018.
- CASTRO, J. S. R de; FLEITH, D. de S. Criatividade escolar: relação entre tempo de experiência docente e tipo de escola. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)**, v. 12, n. 1, p.101-118, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v12n1/v12n1a08.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- COLLARD, P; LOONEY, J. Nurturing creativity in education. **European Journal of Education**, v. 49, n. 3, p. 348-364, Sept. 2014.
- DITIBERIO, J. K.; JENSEN, G. H. **Writing and personality**: finding your voice, your style, your way. London: Routledge, eBook, 2019.
- FERRARI, A.; CACHIA, R.; PUNIE, Y. ICT as a driver for creative learning and innovative teaching. In: VILLALBA, E. (Ed.). **Measuring creativity**: proceedings for the conference, "Can creativity be measured?" Brussels, May 28-29, 2009. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2009a. p. 345-367.

_____. **Innovation and creativity in education and training in the EU Member States**: fostering creative learning and supporting innovative teaching. Literature review on innovation and creativity in E&T in the EU Member States (ICEAC). Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 2009b.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor**: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Tradução de: CHEREM, Lucia P.; BORNATTO, Suzete P.. Curitiba: UFPR, 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. edição. São Paulo: Cortez, 2011.

GAGLIARDI, E. Orientações sobre ensino de procedimentos de leitura. **Diálogos Assessoria**, São Paulo, p. 1-4, 1º set. 2015. Disponível em: <<https://dialogosassessoria.files.wordpress.com/2015/09/quadros-leituraantesdurantedepoisrevlc3b4.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

GONSALVES, R; CHAN, J. Authorship and collaborative creativity in new media art. In: THOMAS, K.; CHAN, J. (Ed.). **Handbook of research on creativity**. Cheltenham, UK; Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing, 2013. p. 393-407.

KAMPYLIS, P.; BERKI, E. **Nurturing creative thinking**. Brussels, Belgium: International Academy of Education; Le Grand-Saconnex, Geneva, Switzerland: UNESCO International Bureau of Education; 2014. (Educational Practices Series–25). Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227680>>. Acesso em: 1º jun. 2022.

KIRMIZI, S. F; KASAP, D. The effect of creative reading and creative writing activities on creative reading achievement. **New Trends and Issues Proceedings on Humanities and Social Sciences**, v. 4, n. 1, p. 406-412, 2017. Disponível em: <<https://un-pub.eu/ojs/index.php/pntsbs/article/view/2283/6062>>. Acesso em: 9 ago. 2022.

MENIN, A. M. da C. S. et al. **Ler e compreender**: estratégias de leitura. São Paulo: Fapesp; Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MUNIZ, L. S.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A aprendizagem da leitura e da escrita: análise da produção científica. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 2, p. 951-981, maio/ago. 2013. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3273/2433>>. Acesso em: 9 set. 2022.

NUNES. E SILVA, P. A. **Avaliação do perfil da criatividade do professor no ensino médio**. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2000.

OLIVEIRA, A. L. A. **Percepção de professores do ensino fundamental sobre procedimentos úteis à promoção da criatividade em sala de aula**. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2003.

OLIVEIRA, E. B. P; ALENCAR, E. M. L. S. de. Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p.541-552, out.-dez. 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/5DC6XCKgTrQ56Ctpbt3KCcs/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 10 set. 2022.

OMDAL, S. N.; GRAEFE, A. K. Investing in creativity in students: the long and short (term) of it. In: PLUCKER J. A. (Ed.). **Creativity and innovation: theory, research and practice**. New York, NY: Taylor & Francis, 2017. p. 205-222.

ROSAS, A. da S. Paulo Freire na trilha da criatividade libertadora. In: SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J. (Org.). Dossiê Paulo Freire: Práxis Educativa.

Interritórios, Caruaru, PE, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/download/5022/4306>>. Acesso em: 7 set. 2022.

SAEBØ, A. B.; MCCAMMON, L. A.; O'FARRELL, L. Creative teaching — Teaching creative. **Caribbean Quarterly**, v. 53, n. 1-2, p. 205-215, Mar.-June 2007.

SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. de M; ANDRADE, I. R. de. Professor facilitador e inibidor da criatividade segundo universitários. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 1, p.95-102, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pspe/a/SQSFmMgMVTZW/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 set. 2022.

STERNBERG, R. J. Teaching for creativity: the sounds of silence. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, v. 9, n.2, p. 115–117, 2015.

TEMIZKAN, M. The effect of creative writing activities on the story writing skill. **Educational Sciences: Theory & Practice**, v. 11, n. 1, p. 933-939, 2011.

WECHSLER, S. M. Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, n. 2, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pspe/a/HQr7MPGdHQBhKnBHqWkYrF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 set. 2022.